

Após atentado, STF reage e rejeita anistia ao 8/1

Moraes e Barroso associaram as explosões na Praça dos Três Poderes ao contexto de ódio político e rejeitaram impunidade aos envolvidos com o 8 de Janeiro. Apuração indica que homem agiu sozinho e planejou ataque durante meses

Um dia após as explosões ocorridas na Praça dos Três Poderes, ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e o diretor-geral da Polícia Federal (PF) afirmaram que o ataque não foi um "fato isolado". O incidente acendeu alerta em Brasília e pode determinar os rumos do debate sobre a anistia aos envolvidos com os atos de 8 de janeiro de 2023.

O atentado foi executado por Francisco Wanderley Luiz, que lançou artefatos explosivos contra o prédio do Supremo Tribunal Federal (STF) e morreu com uma das detonações.

Projeto que prevê perdão aos réus do 8/1 tramita na Câmara Federal

A investigação já apontou que ele planejou o ataque por meses e que possivelmente agiu sozinho (leia na página ao lado).

Ontem pela manhã, o ministro Alexandre de Moraes, relator do inquérito sobre o 8/1, afirmou, no Conselho Nacional do Ministério Público, que o atentado se insere em um contexto que "se iniciou lá atrás, quando o então gabinete do ódio (grupo formado no governo de Jair Bolsonaro para difundir notícias falsas), começou a destilar discurso de ódio contra instituições".

Moraes disse ainda que a pacificação do país é necessária, mas rejeitou a tese, defendida por apoiadores de Bolsonaro, de anistiar os envolvidos com o 8/1, alegando que impunidade pode gerar ainda mais violência.

— Não existe a possibilidade de pacificação com anistia a criminosos — disse.

Um projeto que anistia quem participou de manifestações no país desde o dia 30 de outubro de 2022 tramita na Câmara.

O presidente do STF, Luis Roberto Barroso, também criticou a anistia, ontem. Segundo ele, não se pode "perdoar sem antes sequer condenar" e o incidente reforça a "necessidade de responsabilização de todos que atentem contra a democracia". Também se pronunciaram outros ministros, como Gilmar Mendes, Cármen Lúcia e Flávio Dino.

O diretor-geral da PF, Andrei Rodrigues, disse que o episódio é investigado como ato de terrorismo e está "conectado com várias outras ações".

— Estamos falando de ações violentas ao Estado democrático de direito, de ações gravíssimas. Não é aceitável que se proponha anistia para esse tipo de pessoa — completou.

Ameaças por e-mail Rodrigues também revelou que, logo após o ataque, o STF recebeu ameaças por e-mail. As mensagens faziam menção a Wanderley e continham a foto de uma arma de fogo e dois livros religiosos. —



Quem era Francisco Wanderley Luiz



FRANCA, FACEBOOK, REPRODUÇÃO

Natural de Rio do Sul, município de cerca de 76,4 mil habitantes no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, Francisco Wanderley Luiz, 59 anos, era filiado ao PL. Foi candidato a vereador em 2020, com o nome de urna de Tã França, mas não se elegeu — obteve apenas 98 votos.

Na ocasião, ele declarou à Justiça Eleitoral que tinha Ensino Médio incompleto e um patrimônio de R\$ 263 mil, incluindo quatro veículos e um prédio residencial. Ele trabalhava como chaveiro.

Ele deixou dois filhos e estaria separado da esposa.

Wanderley chegou a ser preso em Rio do Sul em dezembro de 2012 por lesão corporal. Em 2014, foi condenado a dois meses e 29 dias de detenção em regime aberto. Segundo o Tribunal de Justiça de Santa Catarina, ele cumpriu a pena.

Nas redes sociais, ele seguia grupos radicais de direita e compartilhava conteúdos críticos ao STF.

Em agosto, Wanderley visitou o prédio da Corte. Uma foto dele em frente ao plenário vazou foi postada com a legenda: "Deixaram a raposa entrar no galinheiro (chiqueiro)".

Bolsonaro diz que autor era "maluco" e defende pacificação

Em uma rede social, o ex-presidente Jair Bolsonaro disse que o incidente em Brasília foi motivado por "perturbações na saúde mental" do autor e defendeu "pacificação" no país. "Já passou da hora de o Brasil voltar a cultivar um ambiente adequado para que as diferentes ideias possam se confrontar pacificamente", escreveu. Em entrevista ao portal Metrópolis, Bolsonaro chamou Francisco Wanderley Luiz de "maluco" e disse não ter "a menor ideia" sobre quem ele era.

Líder da oposição no Senado e ex-ministro de Bolsonaro, o senador Rogério Marinho (PL-RN) criticou a declaração de Alexandre de Moraes sobre anistia. Segundo ele, muitas pessoas se sentem perseguidas pelo Judiciário e o projeto de lei que perdona os envolvidos no 8/1 é "a solução política". — Mais do que nunca se está na hora de pacificar o país, de se distensionar o processo. E a solução política está dentro do Congresso Nacional, com a anistia — disse. —



No início da noite de quarta, Wanderley fez novas explosões, desta vez com dinamite e bombas e explosivos. "Vamos jogar 77 horas para desarmar a bomba que está na casa dos comunistas de merda", escreveu. Ele enviou o post para Metrópolis, onde não recebeu notícias do pai há meses. — Ele tinha uma problemática associada com a rotina dele e situação, e ele viajou. Foi só isso que ele falou. Ele só queria viajar. A intenção dele era ir para o Chile — disse.

Corpo do responsável pelo incidente foi removido apenas ontem pela manhã

Polícia Civil gaúcha investiga possível ligação com hacker preso

Luca Abadi

O que se sabe até agora

A CASA Francisco Wanderley estava em casa pelo menos até o dia 10 de julho. A investigação identificou uma casa alugada por ele em Collêrnia, a 200 quilômetros da Praça dos Três Poderes. — Outros foram encontrados diversos artefatos no local. Segundo a PF, uma garrafa térmica um espelho ao ser aberta por um objeto desconhecido. — Na manhã de domingo, havia um carro branco com placas de Santa Catarina, modelo que citou Carlos Rodrigues, mulher de Wanderley, em frente ao STF, durante o 8 de Janeiro. Não desperdicei nenhum lixo e para deixar as mulheres bonitas. Exaltas de merda se usa TBT, dita. — Também foi localizado um trailer, no qual havia objetos pessoais, incluindo um boneco com a frase "Brasil acima de tudo. Deus acima de todos".

O ATENTADO Francisco Wanderley, segundo a PF, abo de que Wanderley agiu sozinho e planejou o atentado por meses. Na manhã de quarta-feira, ele estava em casa em Collêrnia, onde fica a maioria dos galinheiros. Realizou explosões no STF. Uma câmera de segurança registrou o momento, por volta das 19h30min, em que ele se aproximou do prédio. Um homem ao lado. Ele vestia um paletó verde com botões de madeira e um boné cinza. As pessoas não se deixaram levar. Ele tinha uma causa — falou.

Quando segurança tentaram se aproximar, aproximaram e abriu a carnisal, mostrando que tinha artefatos presos ao corpo. Wanderley, então, reagiu e lançou explosivos em direção à câmara. — Dois ou três artefatos foram lançados e ficaram presos ao corpo de Wanderley, inclusive em sua cabeça, sem nunca arfatar, quem equilibra com o corpo. Outros, foram resultados obtidos em locais por onde Wanderley passou em busca de mais explosivos. Alguns artefatos foram desativados em frente ao STF.

A MOTIVAÇÃO A esposa de Wanderley afirmou a respeito dos atos do ataque era o ministro Alexandre de Moraes. A informação foi confirmada pelo diretor-geral da PF, Andrei Rodrigues. — Uma irmã de Wanderley, Valter Wagner Luiz, confirmou ao jornal O Estado de S. Paulo que a motivação do ato era política. Ele afirmou ter notado uma radicalização de Francisco nos últimos dois anos. — O qualificação de Francisco em Brasília e acabou com uma mochila, de onde tirou uma bomba, alguns artefatos e um extintor.

Deputada gaúcha

Deputada gaúcha investiga possível ligação com hacker preso

Investigação conseguiu quando o hacker enviou um e-mail de ameaça à deputada estadual Bruna Rodrigues (PCC/RS).

Investigação conseguiu quando o hacker enviou um e-mail de ameaça à deputada estadual Bruna Rodrigues (PCC/RS).

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

**Seção:** ZH em Foco **Página:** 4 e 5